



GT 033. Estudos em contextos africanos: desafios, limites e perspectivas

Andréa de Souza Lobo (Universidade de Brasília) - Coordenador/a,
 Josue Tomasini Castro (Universidade de Campinas) - Coordenador/a

emergente campo da Antropologia da África a partir do Brasil tem, nos últimos anos, atraído um conjunto de pesquisadores e questões que se manifestam em projetos de pesquisa, publicações e seminários que comecem a gerar um acúmulo de reflexões sobre o continente. A diversidade temática e geográfica é relativamente ampla, embora haja uma concentração de estudos nos e sobre os PALOP. Tal cenário torna cada vez mais premente a importância de um diálogo qualificado sobre perspectivas, oportunidades, limites e desafios de um campo que passa a tomar expressão na antropologia feita no Brasil. O GT que propomos tem por objetivo reunir diferentes trabalhos desenvolvidos em contextos africanos promovendo a continuidade de um diálogo qualificado sobre pesquisas etnográficas realizadas no e sobre o continente. Com esse objetivo, convidamos pesquisadores que abordem temáticas diversas, tais como o desenvolvimento; a cooperação internacional; fluxos locais, regionais ou globais; dinâmicas familiares e de parentesco; mobilidade e dinâmica social; gênero e sexualidade; relações sul-sul; cultura popular; concepções de cidadania, dos direitos, do Estado; dentre demais questões que, ao perpassarem os interesses de antropólogos brasileiros, respondam aos inúmeros desafios da pesquisa sobre e em contextos africanos.

"Por que cantam as balas?" Violência política, revolta antissistêmica e o colapso do "liberalismo progressista": uma perspectiva sul-africana

Autoria: Diego Ferreira Marques

No curso da última década, poucos fenômenos políticos parecem ter tido tanta ressonância no cenário global quanto a efervescência de múltiplos movimentos de revolta antissistêmica. Atingindo tanto o hemisfério Norte, quanto o assim chamado "sul global" e envolvendo, em linhas gerais, formas particulares de "desconfiança" em relação aos mecanismos de representação política (notadamente o que se tem percebido como uma crise da "democracia"), esses movimentos parecem igualmente calcados em uma rejeição da agenda de reformas liberalizantes (e sua contrapartida em forma de políticas de "reconhecimento" e "reparação") que hegemonizou o sistema de Estados-nacionais ao longo das décadas de 1990 e 2000, tal como destacado por pensadores de diferentes tendências, como Nancy Fraser ou Jacques Rancière, apenas para citar alguns exemplos. O objetivo desse artigo é oferecer uma perspectiva particular que contribua com o debate acerca de tais movimentos, a partir da experiência sul-africana recente. Isto porque se, com efeito, os fenômenos aludidos parecem participar de uma escalada global, suas multifacetadas manifestações e as lógicas diversificadas de que se revestem parecem ser absolutamente particulares em cada caso. Assim, pretende-se tomar a trajetória de Julius Malema e da constituição de seu partido, EFF (Economic Freedom Fighters), calcada em boa medida na mobilização de sentimentos de descontentamento com os limites das políticas de redistribuição, inclusão e reparação econômica na África do Sul pós-apartheid, a fim de discutir não apenas dinâmicas sociais e histórias locais que emolduram o aparecimento de tais movimentos em contextos como o da África austral, mas também participar de um debate geral acerca de que variadas concepções de político/política estão envolvidas nesse tipo de insurgência e que relações possíveis podemos estabelecer entre uma economia particular de afetos, histórica e culturalmente modulada, e as formas que essas contestações assumem, notadamente em suas variantes mais caracteristicamente marcadas pela violência.



Realização:



Apoio:



Organização:

